

RDP – Antena 2

Programa: “O Véu Diáfano”

Comunicação sobre:

“Glass, *Einstein on the Beach* (1976)”

Quinta-feira, 10/11/2011, 23h00

Quinta-feira, 17/11/2011, 13h00

Duração comunicação: 60 minutos

Resumo:

Desta feita a ópera nasce de um projecto conjunto entre dois jovens, um encenador e um compositor – Bob Wilson, Philip Glass.

A ideia era focar uma grande figura da humanidade – um político, um artista, um homem de religião. Finalmente escolheram um físico, cuja obra, em pleno século XX, revolucionou uma parte do conhecimento humano.

Composta para o Festival de Avignon de 1976, *Einstein on the Beach* tornar-se-ia rapidamente um dos maiores sucessos contemporâneos em matéria de música dramática.

Bob Wilson, Philip Glass: *Einstein on the Beach*, ópera em quatro actos, Avignon, 1976.

A ideia era arriscada. Bob Wilson e Philip Glass não queriam propriamente uma história, um argumento com princípio, meio e fim, mas antes um retrato, mais ou menos abstracto, da figura escolhida, Albert Einstein, através de elementos do seu universo pessoal e da sua obra – elementos facilmente reconhecíveis por todos nós.

A ideia era arriscada. A base de uma tal obra só podia ser puramente estética, instaurando uma relação directa, não mediada, entre a música e a imagem e o público. Uma relação que não passa por um argumento contado ou representado, mas tão só por uma associação permanente entre os símbolos e a figura do cientista, os elementos estéticos e a capacidade de o espectador os reconhecer.

A ideia era ainda mais arriscada, porque a obra deveria durar quase quatro horas, sem intervalo, e os autores não permitiam que o público saísse.

E assim, por uma evocação da cultura comum a que todos temos acesso, e por uma linguagem estética baseada num património simples que toda a gente compreende, se transformou uma aventura melindrosa num notável sucesso internacional.

4 actos, 9 cenas, 5 “Knee plays”, momentos charneira, como o próprio joelho no corpo de um homem, dobradiça entre dois segmentos.

Ao longo de 4 actos e 9 cenas, vemos serem abordados elementos diversos do universo pessoal e da obra de Einstein: os eternos comboios, a nave através do tempo e do espaço, os números omnipresentes, figurações simples do labirinto das equações...

Na rádio ganha-se em concentração na música, perde-se toda a imagem, todo o quadro plástico imaginado e realizado por Bob Wilson que, em certa medida, traçou o destino de sucesso de ***Einstein on the Beach***.

Um sucesso ao mesmo tempo fascinante e estranho para nós europeus: o *minimalismo* (este estilo que imediatamente identificamos na obra de Philip Glass, que aposta numa redução radical dos meios, simplificação estética e eficácia extrema na percepção do público), o *minimalismo* é uma corrente que nasce nos Estados Unidos em grande parte como oposição à complexidade musical da Europa contemporânea.

La Monte Young – que trabalhara com Stockhausen – dera o mote, ainda nos anos sessenta, um mote que iria ser principalmente desenvolvido por Terry Riley, Steve Reich e Philip Glass – a geração que nascera na segunda metade dos anos 30, e que irá ter uma influência determinante na música norte americana a partir dos anos 70.

Oposto à complexidade estruturalista da música europeia, o minimalismo triunfa e deixa um rasto de sucesso em várias árias da produção musical justamente a partir do exemplo de ***Einstein on the Beach*** que, em muitos sentidos, aparece como uma obra inaugural.